

**RESENHAS / REVIEWS**

ROTHBAR, Murray N. **A anatomia do estado**. Tradução: Leandro Augusto Gomes Roque & Fernando Fiori Chiocca. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2012.

**UMA CRÍTICA À EXISTÊNCIA DO ESTADO****CRITICAL TO THE STATE'S EXISTENCE****Heron José Castro Oliveira<sup>1</sup>**

**Como citar:** OLIVEIRA, Heron José Castro. Uma crítica à existência do Estado. **Scientia Iuris**, Londrina, v. 21, n. 1, p.298-302, mar. 2017. DOI: 10.5433/2178-8189.2017v21n1p298. ISSN: 2178-8189.

A obra “A anatomia do estado” (1974) é uma das principais contribuições de Murray Newton Rothbard<sup>2</sup> (1926-1995) a teoria do estado. O autor é um dos principais teóricos da doutrina anarcocapitalista, que prega a total abolição do ente estatal, advogando uma sociedade que será autorregulada através de trocas voluntárias e o princípio da propriedade privada.

O referido trabalho de Rothbard foi dividido em sete capítulos, nos quais se demonstra como o estado consegue pregar sua ideologia de maneira a convencer para a população uma legitimidade e eficiência que não existem.

Logo no início do livro, é exposto “o que o estado não é”. Para o

---

1 Graduado em Direito pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Advogado. E-mail: heroncastro93@gmail.com.

2 Economista estadunidense formado pela Universidade de Columbia, pela mesma obteve PhD em economia. Posteriormente se dedicou ao magistério na Universidade de Nevada, em Las Vegas.

autor há a falsa ideia de que o estado se compõe por todos “nós”, mas se isso fosse verdade tudo e qualquer coisa realizada pelo poder estatal seria legítimo e realizado por todos. Rothbard (2012, p. 8) dá como exemplo o fato do estado nazista não ter matado seus membros com a anuência das vítimas, “[...] mesmo que 70% das pessoas decidissem assassinar os restantes 30%, isso ainda seria um homicídio em massa e não um suicídio voluntário por parte da minoria chacinada”.

Então o Estado demonstrado no livro, “[...] é a única organização da sociedade que obtém a sua receita não pela contribuição voluntária ou pelo pagamento de serviços fornecidos, mas sim por meio da coerção” (ROTHBARD, 2012, p. 9). Ou seja, o Leviatã não é nada mais do que um ente que atua por coerção para atingir determinados fins, sendo que com o surgimento da democracia se passou a acreditar na ideia de Estado ligado a palavra “nós”.

O meio explorador utilizado pelo poder estatal seria uma maneira antinatural de desvio da produção. Da maneira como age, o Estado é pior do que um grupo de assaltantes, pois estes apenas incomodam as vítimas uma única vez e desaparecem, enquanto o Estado se eterniza e justifica sua espoliação, encontrado um meio legal para tanto (ROTHBARD, 2012, p. 12-13).

O autor chega a comparar o nascimento de um Estado ao momento em que um grupo de assaltantes decide se unir para tomar o poder em determinada localidade (ROTHBARD, 2012, p. 14)

Há uma crítica ao fato de intelectuais serem cúmplices do Leviatã e sempre haver um interesse pela sua gigantesca máquina burocrática. Os dois acontecimentos ocorrem porque é preciso do apoio dos súditos para que o poder se mantenha. Interesses econômicos (burocracia) e modelagem da opinião (serviço intelectual), são dois motivos que levam

a uma aceitação pelos governados (ROTHBARD, 2012, p. 15-17)

Colocando ideias na cabeça dos indivíduos, o Estado também consegue se eternizar, Rothbard observa que tais ideias podem ser: a) domínio inevitável do Estado; b) abominar qualquer sistema alternativo; c) governantes como homens sábios; d) patriotismo; e) tradição; f) depravar o indivíduo em face do coletivo; g) fazer dos ganhos pessoais algo imoral; e h) cientificismo. Todas essas estratégias são feitas para demonstrar uma certa legitimidade do governo.

Observação importante se deve ao fato do Estado deturpar ideias que tinham como princípio a limitação dele. Casos como o surgimento do Parlamento, que depois ao invés de fiscalizar o poder estatal acabou virando parte do mesmo, a Suprema Corte, ente que passou a legitimar as atitudes do Leviatã (como no New Deal), demonstram as deturpações das tentativas de resistência. Até a visão de direitos naturais passou a ser usada em favor de governos, pois surgiram direitos como a “saúde” (ROTHBARD, 2012, p. 25-26).

Os Estados Unidos tiveram várias instituições visando combater o arbítrio do governo. Os Estados-membros limitariam o poder federal e vice-versa, mas as pessoas esquecem que ambos ainda são Estados. Isso gera dificuldades para o federalismo cumprir sua função, sem falar que nada impede alianças entre os estados e a união, por outro lado isso leva a esquecermos dos interesses de classes que não podem ser resumidos a interesses de determinada localidade (ROTHBARD, 2012, p. 34)

Mas o caso mais paradigma de inversão de funções é o da Suprema Corte Americana. Esta foi criada para limitar o poder com base na Constituição Americana, entretanto se tornou a legitimadora dos atos estatais, por possuir o monopólio da “palavra final” e querendo ou não, fazer parte do governo (ROTHBARD, 2012, p. 28)

Porém, todo o poder possui o medo de deixar de dominar, com o Estado não poderia ser diferente. Para Rothbard (2012, p. 37-38) o ente estatal teme ser tomado por outro Estado ou terminar via revolução popular. No primeiro caso se usa a ideia de união nacional para proteção contra invasões. Podemos observar esse medo, também, pela forma com que os crimes praticados contra a administração pública ou a “coletividade” são mais reprováveis do que os crimes contra o indivíduo.

Ao observar as relações entre os Estados, o autor demonstra a visão de que eles perderam o cavalheirismo anterior ao século XX, como é demonstrado nas guerras totais. Antigamente havia uma divisão entre o indivíduo e o Estado no momento da guerra. Hoje evitar a guerra total é algo fora de moda e quando não estão lutando os Estados estão fazendo tratados para evitar guerras e negociar seus territórios, como se fossem proprietários legítimos. (ROTHBARD, 2012, p. 41-45)

Ao final da obra é demonstrado uma visão da história baseada na luta entre o poder social (indivíduos) e o poder estatal (Estado). Nessa parte do livro Rothbard (2012, p. 47-49) se aproxima de Marx, pois passa um pente fino na história e demonstra uma luta entre dois lados. Se em um time temos indivíduos empreendedores que sempre inovam e trazem avanços, em outro existe um poder parasitário e que sempre visa a tomada do que aqueles conquistaram, fracassando todas as tentativas de impor limites.

Se a ideia anarcocapitalista pode parecer utópica e radical por um lado, tendo em vista que prega a abolição da autoridade, coisa que parece inaceitável aos olhos de muitos, por outro lado não há que se negar que a crítica anarcocapitalista pode ser muito aproveitada para se refletir a respeito dos perigos de um poder estatal muito poderoso.

É possível observar como o Estados muitas vezes sufoca o

indivíduo em face de interesses do seu próprio comitê. Não há que se negar que assim como a crítica de Marx, Rothbard (2012) também demonstra que o Leviatã tende a cuidar dos assuntos da elite.

**Como citar:** OLIVEIRA, Heron José Castro. Uma crítica à existência do Estado. **Scientia Iuris**, Londrina, v. 21, n. 1, p.298-302, mar. 2017. DOI: 10.5433/2178-8189.2017v21n1p298. ISSN: 2178-8189.

Recebido em: 21/08/2016

Aprovado em: 10/03/2017